



“MARIA NÃO PODE SER DA SUA COR”: REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA RACIAL NA PROSA DE MIRIAM ALVES

Franciane Conceição Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
E-mail: francyebano14@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo analisa o conto “Um só gole”, extraído da coletânea *Mulher Mat(r)iz* (2011), de Miriam Alves, escritora negro-brasileira. Partindo de experiências que ela denomina “proximidade vivencial”, Alves constrói seus textos poéticos e ficcionais comprometidos com a realidade social. No decorrer da análise de “Um só gole”, iremos discutir os efeitos da violência racial no processo de construção identitária da protagonista. Na tentativa de compreender os mecanismos de manifestação do racismo e as suas consequências, embasaremos nosso estudo em textos da crítica literária, bem como de outros campos de saber, tais como, Psicanálise, Filosofia e Sociologia.

Palavras-chave: Miriam Alves. Literatura Negro-Brasileira. Racismo. Proximidade Vivencial.

“MARIA CANNOT BE FROM YOUR COLOR”: A DISCUSSION ON RACIAL VIOLENCE IN MIRIAM ALVES' PROSE

ABSTRACT

This paper analyses the short story “Um só gole” (Just one shot), extracted from the book *Mulher Mat(r)iz* (2011), by the Black Brazilian writer Miriam Alves. Starting from experiences called by her as “experiential proximity”, Alves produces a poetry and a fiction engaged with the Brazilian social reality. Through the analysis of the story “Um só gole”, we discuss the effects of racial violence on the main character’s construction of identity. As an attempt to understand the technology of racism and its consequences, we have based our studies on Literary Criticism as well as on discussions from Psychoanalysis, Philosophy and Sociology.

Keywords: Miriam Alves. Black Brazilian Literature. Racism. Experiential Proximity.

Se mirarmos com atenção a produção literária de autoria negra brasileira, veremos que desde os seus precursores, a saber, Luiz Gama e Maria Firmina dos Reis, que publicaram as suas primeiras obras em 1859, a denúncia da violência racial e dos efeitos desta na vida das pessoas negras é uma temática recorrente, seja nos textos poéticos ou ficcionais. No romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, a personagem Suzana, em muitas de suas reflexões, denuncia as condições desumanas nas quais viviam os negros escravizados no Brasil. O discurso da personagem é marcado pela revolta contra a escravidão, um discurso de inconformidade contra o sistema que legitimava o tratamento brutal que os brancos colonizadores ofereciam aos negros escravizados. Nesse sentido, podemos dizer que, no texto de Maria Firmina dos Reis “o ponto de emanção do discurso reivindica para si a identidade com os discriminados e não com os discriminadores” (CUTI, 2010, p. 63).

No mesmo ano do lançamento de *Úrsula* (1859), Luiz Gama, jurista, escritor, poeta e um dos maiores abolicionistas do seu tempo publicou as *Primeiras trovas burlescas de Getulino*. Através de poemas, cartas, textos jornalísticos, Gama fazia críticas contundentes à escravidão e aos mecanismos que a sustentavam. Em uma de suas cartas endereçada a Lúcio Mendonça, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, Luiz Gama deixa evidente a sua objeção ao sistema escravocrata, denunciando as agruras de ser um homem negro, vivendo num espaço marcado pela violência do racismo: “em nós até a cor é um defeito. Um imperdoável mal de nascença, o estigma de um crime” (GAMA, 1880).

No ponto de vista de Cuti (Luiz Silva) poeta, escritor e pesquisador, ao colocar o racismo como um dos temas principais de suas produções, as escritoras negras e escritores negros brasileiros demarcam um ponto diferenciado de emanção do discurso, apontando as contradições e consequências da violência racista (CUTI, 2010). A denúncia da escravidão e do racismo, manifestada nos textos de Firmina e Gama, como já dito, será um tema recorrente nas obras de várias/os escritoras/es negros/as brasileiros/as.

Avançando no tempo, nos deparamos com uma reflexão profunda sobre as consequências da violência racial, abordada pela escritora Miriam Alves, tanto nos seus textos poéticos quanto nos ficcionais. Na tentativa de compreender esse “ponto diferenciado de emanção do discurso” na ficção negro-brasileira, no estudo aqui realizado, teremos como

objeto de análise o conto “Um só gole”, extraído da coletânea *Mulher Mat(r)iz* (2011), da escritora Miriam Alves. Em *Mulher Mat(r)iz*, a autora reúne contos publicados ao longo de sua carreira literária, sobretudo, nos *Cadernos Negros*. Esta obra chama a atenção de imediato pelo título intrigante, um título que revela muito da intenção da autora: falar sobre a experiência de mulheres. A experiência encenada é de matriz feminina, mas esse corpo encenado tem um matiz específico: as protagonistas dos contos de Miriam Alves são mulheres negras. No prefácio de *Mulher Mat(r)iz*, a pesquisadora Moema Parente Augel faz a seguinte observação:

A linguagem e a temática dos contos em *Mulher Mat(r)iz* ressaltam um processo de afirmação da identidade feminina, das conquistas da mulher negra [...]. Ao mesmo tempo em que direciona o olhar para um ponto fixo: os contos tratam, de uma maneira ou de outra, da mulher, da matriz, fonte, origem, umbigo. Mas não só. Da mulher apresentada numa palheta variada e múltipla, em diferentes situações e circunstâncias, da mulher em seus muitos matizes, o que sutaliza a ideia subjacente à imagem metafórica, apresentando um caminhar pelos vários lugares possíveis e os muitos espaços da mulher negra. (AUGEL, 2011, p. 13).

De acordo com Mirian Cristina Santos, em sua obra *Intelectuais Negras: prosa negro-brasileira contemporânea* (2018), a produção literária de Miriam Alves é “atravessada por experiências de identidades femininas negras que se querem diversas, múltiplas e fluidas” (SANTOS, 2018, p.55). Como já dito por Mirian Santos e Moema Augel e, como já disse tantas vezes a própria Miriam Alves, os textos da coletânea *Mulher Mat(r)iz* privilegiam a experiência de personagens negras. Os temas, a linguagem, a construção dos cenários onde estão inseridos os personagens, dentre muitos outros aspectos, vão dizer desta dicção diferenciada das autoras negro-brasileiras ao abordarem temáticas, muitas vezes, já trabalhadas pela literatura canônica. Ao falar sobre essa encenação da realidade a partir de “proximidades vivencias”, Miriam Alves assim se manifesta:

Eu acho que o tratamento literário que dou às minhas protagonistas[...] é existencialista, não como um diálogo interno fechado, e sim como um diálogo com a realidade existencial. Quase sempre, o drama da narrativa procura esclarecer como as personagens negras resolvem uma ação na trama e enfatizar que, para solucionar os problemas, são forçadas a refletir sobre a existência cotidiana e básica. Elas têm que tomar uma atitude, escolher uma direção qualquer. Todas elas são negras porque estou falando de uma proximidade vivencial; mesmo se eu escolher ambientar a história como ficção científica que se passe em Marte, estarei, com certeza, construindo essa ficção a partir das proximidades vivenciais e informativas. Em

suma, seria um reflexo discursivo, modificado, inventado, sonhado, sugerido a partir de contatos vivenciais. (ALVES, 2016, 178).

Quando as autoras afro-brasileiras contam, por exemplo, a história de uma personagem negra violentada pelo racismo, elas estão falando de um tema que lhes é muito familiar. Mesmo que elas não tenham sido vítimas da violência que encenam, elas são marcadas pelas memórias dessas ações, devido ao contexto no qual foram socializadas. Ao encenarem o sofrimento causado pela violência racista, mesmo quando a dor parece individual, ela é compartilhada por um coletivo que sofre com a mesma ferida. Na obra *Mulher Matr(i)z*, de Miriam Alves, as protagonistas dos contos são marcadas pela violência racista em suas diversas manifestações. Essa violência é encenada em nove dos onze contos da coletânea e “quando não aparece enquanto principal elemento ou de forma explícita, ela tangencia temas centrais e se insere no desenrolar das histórias” (SANTOS, 2018, p. 42).

O conto “Um só gole” conta a história de uma personagem feminina que caminha por estradas espinhosas. Marcada por um traumatizante episódio da infância, a personagem-narradora é “perseguida por medos e alucinações que a impedem até mesmo de erguer-se sobre os pés, obrigada a rastejar, estreitando ela própria os seus limites” (AUGEL, 2011, p.18). Em um momento de grande desespero, quando as recordações traumáticas parecem ser mais pesadas do que ela possa suportar, a personagem que carrega o fardo de pertencer a uma raça¹, por muitos, considerada inferior, começa a pensar fixamente na ideia de suicídio. Durante esse processo, ela vai analisando os motivos que a levaram a desejar desistir da vida. Como se mostra no excerto abaixo destacado:

Pensei em morrer ali, nas margens de um rio fétido. Estou parada às margens de minha própria vida. Minha história desfila no leito lodoso do Mandaqui, como uma terça-feira de carnaval. [...] Inconsciente, eu boiava sobre as agulhas das respostas. As inquietações das perguntas ameaçam-me: “Atirar-me? Não me atirar???” Aonde? No rio? Que rio? Da minha vida? Do Mandaqui? [...] O que tinha me posto ali?

¹“Se cientificamente a realidade da raça é contestada, política e ideologicamente esse conceito é muito significativo, pois funciona como uma categoria de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais contemporâneas observáveis. Em outros termos, poder-se-ia reter como traço fundamental próprio a todos os negros (pouco importa a classe social) a situação de excluídos em que se encontram em nível nacional. Isto é, a identidade do mundo negro se inscreve no real sob a forma de “exclusão”. Ser negro é ser excluído. Por isso, sem minimizar os outros fatores, persistimos em afirmar que a identidade negra mais abrangente seria a identidade política de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica e do pleno exercício da cidadania”. (MUNANGA, 2012, p.15-16).

Quem? O quê? Quem? Eu! Boio como interrogações, náufraga em mim (ALVES, 2011, p. 81-82).

O conto de Miriam Alves é construído com recursos linguísticos e literários que enriquecem a narrativa. Um dos recursos mais utilizados pela autora é o uso de metáforas, elaboradas a partir de elementos da natureza, como a chuva e o rio, indicadores do rumo da vida da personagem. O rio da cidade de Mandaqui, lodoso e estático, é onde as memórias da narradora vão se afundando, o rio é o lugar em que ela também quer se afundar.

A narradora ameaçada pelas “inquietações das perguntas” tem medo de encarar as respostas espinhosas. Náufraga em si mesma, ela boia junto com as interrogações que se multiplicam. Cada vez mais angustiada, ela passa a questionar-se: “Quando foi que comecei a ausentar-me de mim? Quando? Quando foi que me abandonei ao curso inquieto dos fatos? Quando? Quando iniciou a minha viagem sempre rua abaixo? Quando? Não sei...” (ALVES, 2011, p. 81-82).

Quanto mais a personagem se questiona, mais se angustia. Na inquietude de descobrir o porquê de ter abandonado a si mesma e caminhar sempre em direção à sarjeta, ela vai revelando, pouco a pouco, os acontecimentos ocorridos no passado responsáveis por torná-la um ser tão carregado. O peso de lembranças traumáticas vai deixando a personagem estática, fora de si. Presa às inquietações provocadas por suas memórias e seus silêncios, não é mais o rio lodoso que prende a mulher atormentada, agora um novo elemento da natureza impede o seu caminhar: as nuvens:

As nuvens densas, carregadas de energias, continham-se. Eu me continha. Quieta. Eu sempre me contive densa. Sempre montei prontidão nos meus atos. Sempre me contive densa. Sempre silencieei os barulhos surdos do meu porão interior. Pensei em suicídio. Estou imóvel. Estar imóvel não era a morte? Ficar energeticamente parado não é suicídio? Estava carregada de energia, porém estática. Será que vai chover? As nuvens estão lá, ameaçando. Densamente, movi os braços. As mãos balançam de um lado para o outro descompassadamente. Pensei em voar. Alcançar as nuvens. Sumir. Não saio do chão (ALVES, 2011, p. 80-81).

A sensação de angústia e desespero da personagem vai aumentando ao longo do conto, assim como aumentam as nuvens que anunciam a chuva. Esse efeito provoca uma expectativa no/na leitor/a que, de alguma forma, vai experimentando sensações semelhantes as da narradora, na expectativa de que as nuvens densas explodam águas que consigam fazer

escorrer as mágoas da mulher traumatizada. Enquanto esperamos pela explosão, vamos descobrindo os motivos que levaram a personagem a entrar em estágio de imobilidade e a razão de silenciar os “barulhos de seu porão interior”.

O acontecimento que traumatizou a protagonista, transformando-a em um ser rastejante, ocorrera na escola quando ela ainda era criança. Nesta ocasião, a narradora deparou-se com a dor dilacerante da violência racial, sendo o professor Ergos, seu algoz. Ergos costumava organizar peças para as crianças representarem em datas comemorativas. No dia 13 de maio, data da Abolição da Escravatura, a menina tinha representado uma escrava sofredora que suplicava ao senhor para não lhe bater a chicotes. Ela saiu-se muito bem na encenação: “talvez tivesse sido um treinamento para as outras tantas súplicas futuras” (ALVES, 2011, p. 82). No período natalino, Ergos faria a representação do nascimento do menino Jesus. A menina, que tinha encenado tão bem a escravizada, quis ser Maria, mãe de Jesus. O seu desejo expresso de encenar a “mãe do salvador do mundo” transformou-a em um motivo de chacota para o professor e toda a turma:

Foi um riso só. Ria Ergos. Riam os meus colegas, menos o Joazinho, que queria ser José Carpinteiro. Fiquei olhando todos, magoada, sem entender. Ergos tentou convencer-me a fazer a camponesa (ALVES, 2011, p. 82).

Sem ter a consciência de que a rejeição para o papel se dava em consequência da cor de sua pele, a menina, obstinada, não se deixa convencer a fazer uma personagem subserviente e luta pelo papel principal: “Não, dizia eu. Afinal, tinha me saído bem no papel anterior” (ALVES, 2011, p. 82). Quanto mais a narradora resiste em aceitar o papel de subalterna, mais chacotas fazem dela. A menina não entende o porquê dos risos debochados e segue decidida a representar Maria, mãe de Jesus. Neste momento, Ergos utiliza-se do seu discurso de autoridade, não para defender a aluna, vítima de discriminação, mas para endossar a manifestação do racismo, colocando a narradora em seu “devido lugar”:

Diante de minha obstinação, Ergos disse:- “Maria não pode ser da sua cor”. Chorei. Lágrimas corriam entrecortadas por soluços. Isto fazia a hilaridade da criança que improvisava um coro: -“Maria não é preta, é Nossa Senhora. Maria não é preta, é mãe de Jesus”. [...] Minha vontade era de gritar com todo o meu fôlego “E daí? O que é que tem? Não somos todos filhos de Deus? Deus tem cor?” Fiquei sufocada com as contestações presas na garganta (ALVES, 2011, p. 82).

Observemos, no trecho destacado, o modo como o discurso racista do professor é encenado. Ergos, em nenhum momento, fala explicitamente que a menina é negra, mas ao afirmar “Maria não pode ser da sua cor”, ele diz da condição racial da aluna, colocando-a em um espaço de subalternização. A personagem descobre, de maneira dolorosa, que a cor de sua pele era considerada pelo professor como um impedimento para ela fazer o papel de Maria, mãe de Jesus, uma mulher sempre representada como branca. Em um primeiro momento, ao dizer “Não”, de maneira decidida, a protagonista do conto rejeita o lugar de subordinação que o professor quer que ela ocupe. A recusa da menina faz com que Ergos reafirme o seu discurso racista e, utilizando-se de sua posição privilegiada, humilha a aluna diante dos colegas de turma, conseguindo silenciá-la. O silêncio imposto à narradora do conto é explicado por Moema Parente Augel em estudo sobre a obra de Miriam Alves:

Há um interrelacionamento significativo entre o silenciado, a memória e o esquecimento. O silêncio permite que o discurso etnocêntrico, homogeneizador e monolítico, que se quer único e verdadeiro, grite mais alto. O silêncio boicota movimentos que tentam recuperar memórias sufocadas; por exemplo, a história da resistência ao jugo colonial, em suas múltiplas facetas (AUGEL, 2011, p. 18).

Assumindo o discurso de poder ressaltado por Moema Augel, podemos dizer que o professor Ergos, ao afirmar: “Maria não pode ser da sua cor”, escancarara sua faceta de opressor, ao mesmo tempo em que, expõe a aluna, tornando-a vulnerável ao escárnio da turma. De tal modo, quando os colegas da narradora percebem que o professor, símbolo de respeito e poder, faz chacota da menina, eles também se sentem legitimados a oprimi-la. Na sala, Ergos sente-se um rei e os alunos são os seus súditos. Os risos sarcásticos da turma fazem com que o professor sinta-se ainda mais à vontade para exercer a opressão. Desse modo, o professor que deveria lutar contra as práticas discriminatórias, assume o papel de algoz, tornando-se o principal responsável pela violência racista que mudará para sempre a vida da aluna. Depois desse episódio, a personagem passa a ter vergonha de ser quem é, e tenta, a todo custo, se livrar das marcas de sua negritude. Ela passa a negar a si mesma, na tentativa de amenizar as feridas do racismo, na tentativa de, quem sabe, um dia deixar de ser “Maria Pretinha” para poder encenar Maria, mãe de Jesus:

Envergonhei-me de ser o que eu era: “Maria Pretinha”. Envergonhei-me dos cabelos das pessoas pretas que riam e pulavam numa inconsciente alegria. Insanamente me armei de pente-de-ferro-quente e, a todo vapor, tratei de amansar a rebeldia dos meus cabelos. Neste momento, ouvia aquelas vozes: “Há, há, há, ela quer ser Maria, mãe de nosso Senhor”. Tentando apagar o vozerio, alisava os cabelos. Alisava-os. Esticava-os até não mais poder. (ALVES, 2011, p. 83).

Ao domar o volume dos seus cabelos crespos, talvez a marca mais visível de sua negritude, a narradora sabia que, junto com os cabelos, esticava a revolta, domava a sua consciência, domava a sua tolerância (ALVES, 2011, p. 83). De certa forma, o conto de Miriam Alves deixa entrever que o racismo cria feridas em suas vítimas que podem ser cicatrizadas na aparência, mas não se curam jamais. De todas as manifestações de violência simbólica, talvez o negar a si mesmo e perceber o opressor como um ideal a ser alcançado seja uma das mais cruéis.

O racismo compõe um sistema de opressão, embasado num jogo de poder. Deste jogo, fazem parte as pessoas que têm o poder de praticarem o racismo e aquelas historicamente colocadas num *status* inferior: as que sofrem o racismo. O racismo sofrido faz com que a pessoa negra busque, muitas vezes, “a ilusão dos espelhos que oferecem um reflexo branco” (GORDON, 2008, p. 15). Relacionando essa reflexão ao enredo do conto de Miriam Alves, podemos dizer que a violência insana que a protagonista pratica contra si mesma é uma maneira dela descaracterizar-se. O alisamento do cabelo é uma forma da narradora adequar a sua imagem a uma estética que seja aceita no mundo dos brancos, sendo também um modo de tentar se livrar das marcas do passado e esquecer a violência sofrida. De acordo com Mirian Santos, o conto “Um só gole” é marcado por um campo de tensão:

De um lado existe a tentativa da personagem de adequar-se ao padrão - movida pela vergonha de ser o que era -, de outro, em virtude de um acidente, o rosto, transfigurado por uma cicatriz branca, estampa a vergonha e culpa por tentar mudar sua aparência.[...] Nesse sentido, a recorrência da zombaria dos colegas de escola de outrora marca os momentos de conflitos, da mesma maneira que a presença de palavras que indicam desamparo – margens, morte, sumir, naufraga, medo, imóvel, febre, arrastar, abandono, lágrimas, calos, sarjeta – marca um *locushorrendus*, emergido no “medo de viver”. (SANTOS, 2018, p.58).

O processo de descaracterização da personagem é longo e doloroso. O ferro, objeto de tortura, ao entrar em contato com a carapinha crespa da narradora produz um chiado que

provoca um duplo movimento: o barulho, ao mesmo tempo em que gera certo prazer masoquista, pois simboliza o processo de desfiguração da narradora, também faz com que ela rememore lembranças traumáticas, que pareciam esquecidas.

Atarefada na prática de descaracterizar-me, ouvia o chiado vitorioso do ferro quente sobre os meus cabelos: “Chiii, chiii, chiii”. Eu demonstrava contentamento nesse ato. “Chiii, chiii”. Os cabelos reclamavam indefesos. Tive um acidente, um dia. Num descuido, o instrumento autotorturador escapou de minhas mãos nervosas, caindo sobre o lado esquerdo do meu rosto. Foi um acidente. Queimei violentamente a face. Assustei-me. Tive febre. Num delírio febricitante, ouvi vozes difusas: “Ha, ha, ha, ha! Maria Pretinha não pode ser Maria de nosso Senhor”. Ataduras brancas cobriram por muito tempo as cicatrizes esbranquiçadas, para sempre. Cicatrizes e cabelos falsamente lisos complementavam a desfiguração. Eu era triste caricatura borrada. Eu sou uma triste caricatura borrada (ALVES, 2011, p. 83-84).

O ferro que alisa o cabelo crespo, anulando a identidade da protagonista, assume o mesmo papel de Ergos, torturador, tentando silenciá-la. O ferro queima o corpo da menina, tal qual Ergos “queimou” a sua alma negra. O ato da protagonista do conto de alisar violentamente o cabelo para se adequar ao padrão de beleza que considera aceitável, nos leva a reflexão de bellhooks. Na concepção da pesquisadora estadunidense:

O alisamento era claramente um processo no qual as mulheres negras estavam mudando a sua aparência para imitar a aparência dos brancos. Essa necessidade de ter a aparência mais parecida possível a dos brancos, de ter um visual inócuo, está relacionada com um desejo de triunfar no mundo branco (HOOKS, p.2 -3, s/d).

Buscar um ideal branco é uma das maiores violências sofridas pelo indivíduo negro. Para algumas pessoas negras, o branco é a corporificação da ideia de domínio, beleza, poder, alegria. Em contraposição, vê a si mesmo e aos outros iguais a ele como a concretização da feiura, fracasso, tristeza. De tal modo, como todos os referenciais voltados para a negritude são negativos, muitas vezes, os negros não querem se identificar com eles; e como grande parte de suas referências positivas são advindas da branquitude, se convencem de que a única maneira de obter sucesso é se “embranqueando”. Desse modo, o negro torna-se vítima da alienação e “hipnotizado pelo fetiche do branco, ele está condenado a negar tudo aquilo que contradiga o mito da brancura” (COSTA, 2003, p. 139).

No conto “Um só gole”, a personagem tem consciência de que a sua “desfiguração”, sua angústia, seu sofrimento são consequências da violência racista, violência que é fruto de

um sistema organizado pela branquitude; todavia, ela se mutila para se parecer com as mulheres brancas. Podemos dizer que a violência racial funciona de maneira eficiente porque, em primeiro lugar, atinge a construção identitária da vítima. Endossamos essa afirmação com o pensamento do psicanalista Jurandir Freire Costa:

A violência racista do branco é exercida, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. Este, através da internalização compulsória e brutal de um Ideal de Ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas de seu corpo. Entre o Ego e seu Ideal cria-se, então, um fosso que o sujeito negro tenta transpor, à custa de sua possibilidade de felicidade, quando não de seu equilíbrio psíquico (COSTA, 2003, p. 137).

Como dito anteriormente, o negro tem a sua identidade massacrada porque cresce cercado por referenciais eurocêntricos e, por isso, acaba enxergando o corpo branco como um ideal a ser alcançado. No entanto, por mais que se mutila, perceberá, em algum momento, que jamais alcançará o seu Ideal, pelo simples fato, mas não tão óbvio quanto deveria ser, de que o seu corpo é e continuará sendo negro, mesmo com todas as transformações a que possa se submeter. Essa constatação de que a brancura é inalcançável faz com que o negro torne-se desajustado, podendo provocar sérios desequilíbrios psíquicos. Recorremos a Frantz Fanon que tão bem explicou esses distúrbios provocados pelo racismo:

Qual a nossa proposição? Simplesmente esta: quando os pretos abordam o mundo branco há uma certa ação sensibilizante. Se a estrutura psíquica se revela frágil, tem-se um desmoronamento do ego. O negro cessa de se completar como indivíduo acional. O sentido de sua ação estará no Outro (sob a forma do branco), pois só o outro pode valorizá-lo (FANON, 2008, p. 136).

No conto “Um só gole”, o trauma provocado pelo racismo faz com que a personagem transforme-se em um ser deformado e todas as suas ações girem no sentido dela tentar alcançar a aprovação da branquitude. Contudo, mesmo ferindo o seu corpo com o ferro quente, ela não consegue se livrar das feridas da alma. Quanto mais tenta alcançar um ideal branco, mais se torna um ser rastejante: “arrastava-me, não ficava mais em pé. Eu era toda calos. O vício de curvar engoliu a coluna vertebral, obrigava-me a ficar ajoelhada, arrastando-me como ser sem pernas. Rastejava”(ALVES, 2011, p. 84). O ato de rastejar funciona como uma metáfora do peso que a personagem passa a carregar depois de ser humilhada por Ergos.

Como é incapaz de levantar, ela também não consegue se olhar no espelho, pois tem medo da imagem que será refletida. “Não conseguia olhar-me no espelho. Ah! Os espelhos sempre estão colocados acima dos rastejadores invertebrados como eu” (ALVES, 2011, p. 84). O espelho torna-se o maior inimigo da mulher atormentada pelos traumas, ele pode revelar aquilo que ela tanto teme: a sua própria imagem, ou o que sobrou de si mesma: “uma triste caricatura borrada”. O medo é a sua sombra. O medo de Ergos, o medo de olhar e se ver, o medo de morrer e um medo ainda maior de viver. “Ali, de costas para o rio, eu estava em pé? Rastejava? Pensava em suicídio? Eu pensava? O medo? E o medo? [...] Tenho medo” (ALVES, 2011, p.84). O medo que apavora a protagonista de “Um só gole” nos remete, uma vez mais, a Frantz Fanon, que em *Pele negra, máscaras brancas*, assim se manifesta:

Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. O pecado é preto como a virtude é branca. Todos estes brancos reunidos, revólver nas mãos, não podem estar errados. Eu sou culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou miserável. [...] Bigger Thomas é aquele que tem medo - um medo terrível. Ele tem medo, mas de que tem medo? Dele mesmo. Não se sabe ainda quem ele é, mas ele sabe que o mundo habitará no mundo quando o mundo souber. E quando o mundo sabe, o mundo sempre espera algo ruim do preto (FANON, 2008, 124-125).

O personagem Bigger Thomas, citado por Fanon, sente um medo terrível dele mesmo. Um medo da imagem que construiu de si, seguindo as projeções que o mundo fez dele. No caso da protagonista do conto de Miriam Alves, o medo que a persegue, de certo modo, é um medo de si mesma. Medo da “caricatura borrada” na qual se transformou no intuito de agradar aos Outros. O medo da narradora cresce à medida que ela rememora os seus traumas, aumentando a sua inquietude a respeito do suicídio. O medo a impede de seguir o curso desejado de misturar-se com as águas lodosas e escuras do Rio Mandaqui. O medo que tanto a assusta é também quem a protege de si mesma. O medo a impede de viver, mas também a impede de morrer:

Medo, calosidade gigantesca brotou impune ao som das dúvidas, à frente do pé, impedindo-me os caminhos. Deixei-o crescer, avolumar-se tanto que impunha barreira aos meus passos, incapacidade aos atos. Não consigo morrer. Não consigo viver (ALVES, 2011, p. 84).

Presas a uma imagem que não é a que gostaria de ter, a narradora de “Um só gole” recusa os espelhos, pois mesmo que se olhe é incapaz de se ver. A imagem projetada seria a

imagem que ela criou de si em consequência da violência dos discursos racistas e não a sua imagem real. O racismo consegue fazer com ela se abandone, ela é um ser que não vive, apenas sobrevive. Em sua quase vida ela passa a pensar fixamente na ideia de morte. A morte apresenta-se como a sua esperança de salvação, ela quer salvar-se de si mesma. Esse comportamento da personagem se dá porque ela se adapta aos esquemas estabelecidos, assumindo, ainda que inconscientemente, a inferiorização que lhe é atribuída. De tal modo, o processo de dominação se desenvolve à medida em que o dominado, de maneira inconsciente, se predispõe a aceitar a estrutura imposta, por mais violenta que ela seja. Na reflexão proposta por Pierre Bourdieu, ele considera que:

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produtos da dominação, ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidades com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de *conhecimento* são, inevitavelmente, atos de *reconhecimento*, de submissão (BOURDIEU, 2014, p. 28).

O dominado tem reconhecimento da submissão, mas ignora o conhecimento das estruturas do sistema que o mantém sob domínio. Esse conhecimento é o que pode libertá-lo da violência a que está submetido. As estruturas de dominação estão muito bem asseguradas, livrar-se delas é um processo que se dá, na maioria das vezes, de maneira lenta e gradual. Passa pela desconstrução das ideologias adquiridas, pela conscientização e autoafirmação de uma identidade que se encontra totalmente destruída. Em alguns casos, no entanto, a consciência da dominação e de que é preciso se livrar dela, se dá em uma espécie de *insight*. Isso pode ocorrer quando a vítima da violência simbólica passa por uma situação extrema. É o que ocorre com a personagem do conto de Miriam Alves, que depois de pensar na ideia de tirar a própria vida, é impelida a levantar-se e encarar os seus medos. De tal modo, depois de anos de sofrimento e de negação de si mesma e das suas potencialidades, a narradora toma consciência de todo o seu processo de opressão e resolve quebrar os espelhos que distorcem a sua imagem, recusando-se a continuar sendo uma criatura borrada e rastejante:

Lembrei-me dos espelhos que são colocados acima dos rastejadores. Conseguia olhar no espelho? Via-me. Refletia-me o espelho. O que aconteceu? O que acontecia? Os calos cresceram tanto que me ergueram do meu rastejar. A coluna desenvergou (ALVES, 2011, p. 84).

No seu processo de autoconscientização, ao mirar o Rio Mandaqui, a personagem-narradora já não vê apenas lodo, ela vê asfalto, o lodo-asfalto a refletia, o rio era escuro, tão escuro quanto a sua pele: “se pulasse para dentro de seu bojo, não boiaria, não afundaria. Não morreria” (ALVES, 2011, p.84). A partir dessa nova visão do rio e de si mesma, a mulher percebe que o suicídio não seria solução para as angústias que tanto a atormentavam. A visão de si não mais borrada pelos discursos de inferiorização que internalizou ao longo da vida, faz com que a personagem comece a pensar em vida. Os calos provocados pelas sucessivas violências sofridas já não conseguiam encobri-la, o medo já não a dominava mais. “Nesse processo, a tríade de cores escuras que se intensifica se sobrepõe- o lodo, o asfalto e a cor preta da personagem – revela o reflexo de uma mulher bela e com vontade de viver” (SANTOS, 2018, p.59). E depois de um longo processo de exclusão, depois de tantos medos e dúvidas, finalmente, ela enxerga a beleza de sua pele cor de asfalto: “Era a primeira vez que me via depois de ter-me transformado numa calosidade ambulante. Eu sou feia! Não, eu sou bonita! As durezas calosas não conseguiram encobrir-me totalmente” (ALVES, 2011, p. 84).

A dor extrema da anulação é o que impulsiona a personagem a reerguer-se. Dessa forma, ao encarar o espelho e enfrentar os seus medos, ela passa a se enxergar sem distorções e inicia o seu processo de libertação: “Revoltei-me, fitava o monstro que eu me tornei. Com os olhos estranhamente arregalados, arranquei, num grito, a boca da face. O corpo estremeceu todo” (ALVES, 2011, p.85). Ao encarar o seu próprio rosto, a personagem assusta-se com a imagem deformada, vê-se monstruosa. No entanto, cria coragem para enfrentar os seus monstros interiores e exteriores. “Insana, decidida, devorei-me todas as rebarbas. Medo protuso foi o último. A minha enorme boca, fora de mim lutou e comeu-o todo” (ALVES, 2011, p.85). Num gesto antropofágico, a narradora devora as garras que durante anos a aprisionaram. O silêncio que a sufocou, desde o traumático episódio na escola, enfim, é vencido. O grito abafado por tantos anos solta-se de sua garganta. Junto com o grito, ela expulsa o monstro preso dentro de si: a violência racial.

[...] Deu-se, entretanto, no ápice da crise existencial, um esforço de restauração daquele corpo deformado e destruído, reflexo do estado de espírito patológico. A individualidade recuperada, a autoestima renascida tornaram possível, finalmente, ultrapassar os limites entre o exterior e o interior do eu narrador (AUGEL, 2011, p. 18).

A transformação da protagonista do conto se dá em consequência do seu processo de conscientização. Ao criar consciência das verdadeiras amarras que a aprisionavam, ela começa a se livrar delas. Recupera a sua autoestima e se permite trilhar outro caminho. Destemida, a mulher liberta as últimas gotas de sofrimento, desfazendo a carregada nuvem que a acompanhava. Em uma explosão, ela arrotava toda a opressão que há tanto tempo reprimia dentro do corpo deformado. O arroteio tem barulho de trovada e faz as nuvens gargalharem, como se celebrassem a sua libertação. As nuvens, antes tão pesadas quanto ela, se desagüam em chuva. As águas da chuva impulsionam o movimento do rio lodoso que segue o seu curso. Enquanto a chuva cai e o rio corre, a narradora segue o seu caminho: leve e livre. Ela segue plena ao encontro que esperou por toda a sua existência: o encontro consigo mesma.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. **Mulher Mat(r)iz**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- ALVES, Miriam. Entrevista. DUKE, Dawn (Org.). **A escritora afro-brasileira: ativismo e arte literária**. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.
- AUGEL, Moema Parente. Prefácio. In: **Mulher Mat(r)iz**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014.
- COSTA, Jurandir Freire. “Da cor ao corpo: a violência do racismo”. In: SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- CUTI (Luiz Silva). **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DUKE, Dawn (Org.). **A escritora afro-brasileira: ativismo e arte literária**. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GAMA, Luiz. **Primeiras trovas burlescas de Getulino**. Salvador: Edições, 2011.
- GORDON, Lewis R. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.



HOOKS, bell. Alisando o nosso cabelo. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/#gs.oKnWZhI>. Acesso em: 08 fev. 2017.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1988.

SANTOS, Mirian Cristina. **Intelectuais Negras**: prosa negro-brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Malê, 2018.